

COMENTÁRIO BÍBLICO

2º Domingo depois do Natal – Ano B

03jan2021

Jeremias 31,7-14; Salmo 147,12-20; Efésios 1,1-6.15-18

S. João 1,1-18

¹No princípio era a Palavra. A Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. ²Aquele que é a Palavra estava no princípio com Deus.

³Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada foi criado. ⁴Nele estava a vida, vida que era a luz dos homens. ⁵A luz brilha nas trevas, trevas que a não venceram.

⁶Houve um homem enviado por Deus que se chamava João. ⁷Ele veio para dar testemunho, para dar testemunho da luz, para que todos cressem por meio dele. ⁸João não era a luz, mas foi enviado para dar testemunho da luz.

⁹Aquele que é a Palavra era a luz verdadeira; Ele ilumina toda a gente ao vir a este mundo. ¹⁰Ele estava no mundo, mundo que foi feito por ele. O mundo não o conheceu. ¹¹Ele veio para o seu próprio povo e o seu povo não o recebeu. ¹²Mas a todos quantos o receberam, aos que creem nele, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus. ¹³Estes não nasceram de laços de sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas nasceram de Deus.

¹⁴A Palavra fez-se homem e veio habitar no meio de nós, e nós contemplamos a sua glória, como glória do Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade.

¹⁵João deu testemunho dele ao proclamar: «Era deste que eu dizia: Aquele que vem depois de mim é mais importante do que eu, porque já existia antes de mim.» ¹⁶Todos nós participamos da abundância dos seus bens divinos e recebemos continuamente as suas bênçãos. ¹⁷É que a lei foi-nos dada por intermédio de Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.

¹⁸Nunca ninguém viu Deus. Só o Deus Filho único, que está no seio do Pai, o deu a conhecer.

1. Dos quatro Evangelhos incluídos no Novo Testamento o de S. João é o único que se inicia com uma explicação (Prólogo) do que se vai seguir. Aí se apresenta o contexto envolvente do que pretende provar: «No princípio era a Palavra. A Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. Aquele que é a Palavra estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada foi criado. Nele estava a vida, vida que era a luz dos homens» (v^{os}.1-4). Para S. João, a Palavra, Jesus, estava com Deus desde o princípio e veio ao mundo, enviado pelo Pai, para transmitir a mensagem de salvação e, depois, voltar ao Pai (S. João 20, 17).

Segundo os especialistas bíblicos o autor do quarto Evangelho não foi o Apóstolo S. João, filho de Zebedeu. Consideram que, ao contrário do que foi pensado durante muito tempo, não é obra de um autor 'ocular'. Como existem argumentos seguros para considerar que aquele Evangelho foi escrito no final dos anos 90 e, nesse caso, não era provável que ainda existisse alguém que tivesse convivido com Jesus, pensa-se, então, que foi escrito por um cristão da segunda ou terceira geração em nome do "discípulo amado". Na realidade, o quarto Evangelho é um texto muito pensado, maduro e profundo que nos descobre realidades profundas, bem distinto dos três outros Evangelhos. (La Religión de Jesús, José M^a Castillo).

2. «A Palavra fez-se homem e veio habitar no meio de nós» (vº 14). A encarnação de Deus – *fez-se carne* – é a maior manifestação de humildade e de despojamento que é possível alcançar-se. Como explica o Apóstolo Paulo (Filipenses 2, 7), Deus «*esvaziou-se a si mesmo*», despojou-se do seu poder e da sua glória, «*assumiu a condição de servo*», rejeitou o título de *Senhor*, privou-se dos meios, condições e dignidades que por direito lhe eram devidos, e «*tomou a semelhança humana*», adotando um caminho de submissão e de humilde obediência, partilhando de todas as fragilidades da condição humana. Esta é a grandeza divina que, ao contrário do que pensamos, não se baseia no poder e na força para mudar o mundo e suas gentes, antes, nos mostra que futuro e esperança se conseguem na convivência e comunhão com o mais humano que existe em todo o ser humano.

Ainda, as palavras finais do Prólogo: «*Nunca ninguém viu Deus. Só o Deus Filho único, que está no seio do Pai, o deu a conhecer*» (vº 18). É a mensagem principal, a chave de leitura de todo o Evangelho. Deus é Espírito, o Transcendente, o «*Sou o que sou!*» (Êxodo 3,14), pelo que ninguém o pode ver nem conhecer. Só podemos conhecê-Lo no que nos foi revelado no menino «*envolto em panos deitado numa manjedoura*» (S. Lucas 2,12). Então, a grandeza de Deus que nos é dado “ver” é a grandeza desta criança, que não tem outra senão a grandeza da sua humanidade.

3. Acabámos de entrar no ano de 2021. Fazemo-lo, não tenhamos receio de o dizer, com “o credo na boca”. A memória ainda fresca do que vivemos em 2020 e as dúvidas e os desafios anunciados para o novo Ano, cheira-nos a incerteza, não obstante a ‘esperança’ que nos querem insuflar com a vacina. É que estamos ainda muito marcados pelo medo e pela dor que o COVID 19 nos trouxe na morte de tantos milhares, no sofrimento dos tratamentos intrusivos a que outros milhares foram sujeitos, na queda abrupta da atividade económica e consequente desemprego massivo, na separação das pessoas e no aumento da pobreza com o alargamento do fosso entre ricos e pobres. Além disso, a pandemia introduziu nas relações entre as pessoas a máscara e o conceito de “distanciamento social ou físico”. Todavia, a pandemia também nos levou à certeza de que não podemos viver sem os outros. As inquietações e fragilidades foram tantas e tão profundas que nos ‘obrigaram’ a perceber que não podíamos sobreviver por nós próprios sem o apoio e a fraternidade de outros, mesmo sem que nos tivéssemos apercebido. Foi assim com o Serviço Nacional de Saúde (apesar das suas debilidades), com os Bombeiros, com o pessoal dos Serviços públicos de limpeza, com os restaurantes e outras instituições que providenciavam as refeições para os que nas suas casas delas precisavam, as organizações sociais no apoio aos mais carenciados e sós. Todos na sua ação deixaram-nos uma mensagem: precisamos dos outros. Não o podemos esquecer, embora esta seja a relação funcional que nos ajuda a viver no quotidiano. Mas, existem outras precisões que decorrem da nossa condição de humanos. Nos confinamentos a que fomos sujeitos percebemos que precisamos dos outros para expressar os nossos sentimentos e emoções, para amar, abraçar, beijar, conversar e ajudar. É essa relação de “tu cá, tu lá” que nos faz crescer em compreensão e paciência, e nos prepara para o cuidar e para a atenção aos outros, sejam familiares, amigos ou até desconhecidos, porque idosos, sem-abrigo, doentes, deficientes ou pessoas sós. Que paradoxo! O vírus separou-nos, para evitar a sua propagação, e a nossa necessidade aconchegou-nos e aproximou-nos. Então, no princípio deste Ano de 2021, peço a Deus que a vacina nos faça retomar a esperança, que a retoma da economia nos apazigue e aumente a confiança, que cresça em nós a consciência da necessidade de “estar” com Jesus para aprendermos e exercitarmos a Sua compaixão em todos com quem nos cruzarmos. Ámen.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana